

6

Que “peixes” pescamos no Museu da Maré?

“Desses exemplos nos fica a ideia de uma apreensão do tempo dependente da ação passada e da presente, diversa em cada pessoa. Um tempo que fosse abstrato e a - social nunca poderia abarcar lembranças e não constituiria a natureza humana. É esse, que ouvimos, tempo represado e cheio de conteúdo, que forma a substância da memória.” (Bosi, 1994, p. 422)

É essa memória feita de um tempo represado e cheio de conteúdo, de que nos fala Ecléa Bosi, que vamos construir através dos dados parciais coletados no trabalho de campo. Numa primeira etapa apresento os sujeitos entrevistados e em seguida, analiso os depoimentos relacionando-os ao referencial teórico apresentado anteriormente. Termino o capítulo apresentando algumas conclusões sobre os dados coletados e analisados até o presente momento, estruturando toda essa “rede”.

O roteiro de entrevistas dos pescadores encontra-se ao final da tese no Anexo 2.

6.1

Apresentando os pescadores entrevistados

Entrevistamos 12 pescadores de 3 Núcleos de Pesca na região da Maré, são eles: Núcleo de Pesca da Vila do Pinheiro, do Parque União e da Vila Residencial da UFRJ.



Foto 29 de Terezinha Lanzelotti - Píer do Núcleo de Pesca da Vila Residencial da UFRJ



Foto 30 de Terezinha Lanzelotti - Vila Residencial da UFRJ com obras de saneamento



Foto 31 de Stela Caputo- Pier do Núcleo de Pesca da Vila do Pinheiro.



Foto 32 de Stela Caputo - Ancoradouro de barcos do *pier* da Vila do Pinheiro e o vão da Linha Vermelha por cima.



Foto 33 - Píer do Núcleo de Pesca do Parque União e o vão da Linha Vermelha por cima.

Cabe lembrar que o Núcleo de Pesca da Vila do Pinheiro é o mais precário da região, onde encontramos a maior quantidade de pescadores que vivem só

dessa atividade. Foi a primeira colônia por nós visitada. Causou-nos enorme impressão a miséria e pobreza do lugar. Fica exatamente embaixo da autoestrada *Linha Vermelha*, num trecho cuja estrada é bem baixa, próximo ao mar, na área da comunidade da Maré denominada Vila do Pinheiro. Apresenta um precário píer, cheio de barcos pequenos e bem pequenos, denominados “caiaques”. Tem pequenos *boxes* onde os pescadores guardam seu isopor, gelo e todo o material de pesca (redes, anzóis, facas etc). Há também três imagens: de São Pedro, de Nossa Senhora da Aparecida e de Iemanjá numa espécie de pequenos santuários ou pequenas grutas. Ao lado do ancoradouro há ainda uma criação de porcos em diferentes cercados, alguns andam soltos na lama imunda das águas daquela região ao lado dos barcos, das redes, dos peixes pescados, dos gatos e de muito lixo trazido da Baía. A água da Baía de Guanabara é muito poluída nesse local, é preta e parece ser tão grossa, cheia de óleo que perto do píer é possível ver os porcos andarem por ali parecendo estarem pintados de preto, como mostra a imagem abaixo! O cheiro do local é bastante desagradável.



Foto 34 de Stela Caputo - Pier do Núcleo de Pesca da Vila do Pinheiro

No núcleo de pesca da Vila do Pinheiro entrevistamos “Seu” Jaqueta, “Seu” Antonio e o filho Alexandre, “Seu” Amaral e Edson.



Foto 35 de Stela Caputo - “Seu” Jaqueta

O pescador “Seu” Jaqueta participou da criação do Museu da Maré, doou vários objetos para seu acervo, como o barco da entrada do museu (feito por ele e nele grafado *JAQUETA*), assim como a estátua de São Pedro colocada dentro do mesmo. O conversador e encantador “Seu” Jaqueta, de nome Sérgio Jaqueta, é muito querido e conhecido de todos no Museu da Maré. Tem 61 anos, nascido e criado na Maré, morador do Timbau, sua casa fica muito próximo ao Museu da Maré, casado com filhos e netos, hoje em dia é o único pescador por nós entrevistado que trabalha na Construtora Queiroz Galvão, que está despoluindo o Canal do Fundão. Em seus relatos apresenta sempre muita proximidade com os diretores do Museu da Maré e suas atividades e demonstra muita apreensão com os resultados do trabalho que a empresa vêm fazendo na obra de despoluição da Baía de Guanabara. Sua fala é muito articulada e desembaraçada.

“Seu” Antonio é filho de um pescador famoso e lendário na região da Maré, “Seu” Alvinho, já falecido. É casado e não tem outra atividade profissional, mora na Vila do João. Tem 58 anos. Seu relato é muito rico e demonstra muita paixão e tristeza com a situação da pesca na região. É de uma família tradicional de pescadores, aprendeu com o pai a pescar e ensinou seus filhos. De todos os seus descendentes, o único que pesca com ele é Alexandre.

Alexandre é relativamente jovem, tem 36 anos, pesca com o pai, mas também trabalha com computadores. Demonstra certa timidez, mas aos poucos se solta na entrevista. Percebe-se em sua relação com o pai admiração, respeito e

gratidão a tudo que ele lhe ensinou, principalmente os perigos do mar e como pescar. Mora na Vila do João.

O Núcleo de Pesca do Parque União é bem mais arrumado, limpo e agradável. Fica na extremidade oposta ao da Vila do Pinheiro, no Parque União, uma das comunidades da Maré fronteira à Praia de Ramos. Ele apresenta barcos bem maiores, alguns usados para lazer e pequeno turismo pela Baía de Guanabara. Foi de lá que saímos de barco para conhecer o entorno da Maré na região da Baía de Guanabara. Esse Núcleo também se localiza embaixo da Linha Vermelha, porém tem como altura um vão bem maior do que o da Vila do Pinheiro, é portanto, bem mais arejado, visível e agradável.

No Núcleo de Pesca de pesca do Parque União entrevistamos Jean, Vovô e Marcos.

Jean é um dos mais jovens pescadores por nós entrevistado, tem apenas 29 anos. Também possui outra profissão, tem uma firma de fazer obras, reformas de casas, mas tem enorme prazer em pescar. É casado e tem filhos.

Por outro lado, Vovô, sugestivo do próprio apelido, é um dos mais “velhos” desse Núcleo, tem 60 anos. Ensina muitas coisas aos outros, por isso desfruta de certa autoridade entre os demais, é referência para quase todos ali e é apontado como - daquele Núcleo- o que mais conhece a história da região e da pesca no local. É casado com a mesma esposa há muitos anos e tem orgulho disso, é evangélico e faz alusões bíblicas em seus depoimentos. Aluga seu barco para outros pescadores e para passeios pela Baía. Mora no Parque União há muitos anos.

Marcos é o líder dos pescadores do Parque União. Tem 47 anos, já desempenhou inúmeras profissões, como garçom no *Hotel Copacabana Palace*, já foi fotógrafo, dentre outras atividades. Mora no Parque Rubem Vaz. Desfruta de certo prestígio entre os pescadores e demonstra maior articulação no vocabulário e escolaridade.

O Núcleo de Pesca da Vila Residencial da UFRJ não se localiza na Maré, mas fica do outro lado do Canal do Fundão, portanto, em frente à região da Maré. Originou-se das moradias que aí foram deixadas da época da construção da Ponte Rio - Niterói. É uma comunidade que já sofreu muito transbordamento das águas em suas casas, falta de luz, de saneamento básico e de transporte, atualmente é a mais beneficiada com as obras do Canal do Fundão. Suas ruas estão sendo elevadas e urbanizadas para evitar o refluxo das águas. Possui uma Associação dos Moradores muito arrumada e fomos lá recebidos para as entrevistas. Seu *pier*

é muito, muito simples e precário, o pior dos três que visitamos. Tem tanta lama, areia e lixo na beira da ilha, que os pescadores quase não conseguem mais sair e /ou voltar com seus barcos pelo Canal do Fundão. Não tem nem *boxes* dos pescadores como os outros, a impressão que nos passou é que parece o mais “amador” dos Núcleos de Pesca que visitamos.

Nesse Núcleo de Pesca entrevistamos “Seu” Cordeiro, “Seu” Foca e “Seu” Carlos.



Foto 36 de Helena Araújo - Pescadores da Vila Residencial da UFRJ, respectivamente: “Seu” Foca, “Seu” Carlos e “Seu” Cordeiro

“Seu” Cordeiro é muito sério, mas muito generoso em sua entrevista, além de pescador, é funcionário da UFRJ há muitos anos. Veio morar na ilha porque tornou-se funcionário da instituição e se fez pescador, aprendeu a pescar com os outros pescadores do lugar. Demonstra muito prazer na prática desse ofício complementando sua renda com a pescaria. É casado e tem 49 anos.

“Seu” Foca tem menos do que 50 anos, gosta de pescar, porém também desempenha outra atividade. Demonstra muita reserva em sua entrevista, sua fala é curta, não se expõe, mas não se negou a dar a entrevista.

Já “Seu” Carlos demonstra simpatia em ser entrevistado, é animado, tem 51 anos. Tem outra atividade paralela à pesca, assim como quase todos os outros companheiros.

O último sujeito por nós entrevistado é o presidente da Colônia de Pesca de Ramos - a Z 11 – e chama-se Siri. Tem 52 anos, é separado, muito falante,

simpático, articulado e receptivo. Exerce grande influência política na região, pois todos os Núcleos de Pesca citados anteriormente estão ligados administrativamente à Z 11. Os pescadores tem que ser filiados à colônia para ter carteira de pescador e poder exercer a profissão legalmente. A Colônia de Ramos fica do lado do *Piscinão de Ramos*, é um espaço bonito, grande, cheio de *boxes* de pescadores, salas da administração, possuindo até capelinha, além de uma boa “fábrica” de gelo.



Foto 37 de Helena Araújo – O pescador Siri na entrevista realizada dentro do Museu da Maré

6.2 Memórias e lembranças de pescadores

Vilarejo (Marisa Monte)
 Há um vilarejo ali
 Onde areja um vento bom
 Na varanda, quem descansa
 (...)Toda gente cabe lá
 Palestina, Shangri-lá
 Vem andar e voa
 Vem andar e voa
 Vem andar e voa.
 Lá o tempo espera
 Lá é primavera
 Portas e janelas ficam sempre abertas
 Pra sorte entrar

Cada Núcleo de Pesca nos remete, como na música *Vilarejo* de Marisa Monte, a “um vilarejo” cheio de coisas boas ou desafios, cheio de lembranças e

afetos e lá *o tempo espera* e passa diferente como percebemos nas entrevistas com os pescadores, pois *o tempo é sempre relacionado à maré, à ida, à volta, à maré cheia, à maré viva ...* Porém, sempre *Lá é primavera*, porque sempre se espera uma pesca melhor no dia seguinte, um momento melhor, a despoluição do Canal do Cunha ou do Canal do Fundão e em tantos outros exemplos que aqui poderiam ser dados, como a fala esperançosa de “Seu” Cordeiro ou prazerosa de Jean, respectivamente, apresentadas abaixo:

Eu acredito que a Baía está se recuperando em relação, mas você ainda vê muita sujeira na Baía de Guanabara ainda, existe muita sujeira, mas com tudo isso, acho que ela sobrevive. Espero nesse verão matar muito peixe ainda...

É gostoso você ir pescar. Pegar um peixe bom pra você vender ou levar pra sua casa mesmo, pra família, é interessante. Até mesmo quando você não pegue, só pelo passeio que você faz eu acho que é gratificante. Você participa de outro mundo, pra mim é outro mundo. Saio pra pescar e esqueço de tudo.

Os pescadores são importantes, pois o desenvolvimento inicial e mais significativo da Maré, se deu a partir da pesca, e ela se tornou uma *colônia de pesca* devido ao fato de se localizar à beira da Baía de Guanabara. Além disso, como já afirmamos o Museu da Maré tem uma parte significativa de seu acervo narrando a história da relação do homem local com a água, com a Baía de Guanabara e evidentemente, com a pesca.

Em meu trabalho de pesquisa sobre a memória e história dos pescadores da Maré, me deparei com diversas questões, como: *O que é memória? Para que serve a memória? É importante para os pescadores da Maré construir sua história e memória? Como a memória se relaciona com a identidade dos mesmos? Ao construir sua memória estão fortalecendo sua identidade? É dentro desta rede de inquietações que fiz a pesquisa e acredito que possa refletir sobre algumas delas imbricadas na fala dos pescadores por mim entrevistados.*

O depoimento a seguir de “Seu” Antônio descreve situações do contexto e da dificuldade da vida naquela da região da Maré de “antigamente”, refere-se à memória construída:

Porque a Ilha, lá era a maior dificuldade esse negócio de águas, esses troços. Às vezes pra ir ao hospital tinha (...). Tinha que atravessar na canoa. Naquele tempo era Getúlio Vargas, o Getúlio Vargas é um hospital antigo. Tinha que atravessar de canoa às vezes, era uma dificuldade, aí, eles vieram morar na praia de Inhaúma, quando eles vieram, fez o primeiro barraco deles ali, entendeu?

A fala anterior de “Seu” Antonio nos remete à importância da memória coletiva que é passada de geração em geração entre os pescadores e outros moradores da região. Hoje em dia sabemos o quanto é necessário se escrever a memória desses pescadores da Maré, ou outras memórias de outras comunidades populares, como tentamos neste trabalho de pesquisa reconstruir através da fala e relatos de diversos pescadores por nós entrevistados.

Le Goff (1990) nos faz lembrar o quanto é dada importância à memória coletiva a partir da 2ª metade do século XX, já que existe uma relação intrínseca de memória e poder e aquela é elemento essencial da identidade individual e coletiva, por isso é tão desejada pelas sociedades atuais. E também, pelo mesmo motivo a memória dos pescadores pode reforçar seus laços identitários e suas lutas específicas.

Outro trecho do depoimento emocionado de “Seu” Antônio nos revela a descrição geográfica de outrora daquela região, a riqueza da pesca de “antigamente” e sua infância/ juventude passada nesse local:

Nadei muito aí mesmo, nessa praia aí. Aí onde tem esses prédios de apartamentos, aqui no Pinheiro, ali era uma colônia de Inhaúma, esperava a maré encher e (...) peixe pequenino, peixe que vinha entrando como a maré. Agora acabaram com tudo mesmo.

Também os “esquecimentos” da história oficial - a história não contada desses pescadores, por exemplo- nos permitem de alguma forma fazer uma narrativa possível sobre isso. Assim sendo, reafirmamos a fala de Paul Ricouer (2007) de que a condição histórica nos possibilita a representação do passado e o esquecimento é a prova da vulnerabilidade da mesma. Por isso, há a possibilidade de reinterpretação e revisitação da história que se dá exatamente pelo esquecimento e pela ausência. Logo, é através da memória que sempre se faz uma reconstrução, por isso as lembranças são tão importantes. Assim, ao ouvir as lembranças dos pescadores podemos entender esse emaranhado e teia social que perpassa a Maré e a própria cidade do Rio de Janeiro. Tais lembranças acabam sendo parte constitutiva da nossa identidade.

Na Baía de Guanabara as águas eram limpinha ... dizia Sérgio Menezes Jaqueta, o “Seu” Jaqueta, ou “Seu” Antônio. Eles se remetem ao passado nos falando da limpeza das águas da Baía de Guanabara lembrando com nostalgia dessas águas límpidas e com fartura de pescado. Quando trabalhamos com memória estamos inevitavelmente envolvendo uma dupla dimensão temporal: o

momento presente e o tempo passado que estamos lembrando. Esse “duplo tempo” se fez muito presente nos “bate-papos” com nossos entrevistados, onde conversávamos com eles hoje, coisas, imagens e tudo mais de tempos “antigos” - de quarenta, trinta, vinte, dez anos atrás ...

Ainda “Seu” Antonio em seu depoimento nostálgico nos falou sobre a dura realidade do pescador hoje, sua tristeza com a falta de peixes e como era diferente “antigamente”:

(...) o que eu tenho pra dizer pra vocês é: primeiro aí, na Praia de Inhaúma, era bom demais pra se viver, pescaria era melhor, dava pra ganhar. Mas, agora, com o decorrer do tempo, caiu mesmo, bastante, até tainha que é..., já tem uns quatro ou cinco meses que a gente não mata peixe. Mas, é a realidade, de um modo geral não sei o que tá havendo, que tá caindo mesmo a pesca, não sei! A gente vai lá pescar, como eu fui a última vez, fui lá no Catalão, fui na Ponte Rio-Niterói, fui até ao Cais do Porto, nada! Viemos em branco...

A fala acima de “Seu” Antonio nos mostra, com certeza, toda a reconstrução de uma época, nos evoca a reflexão sobre a deteriorização da pesca, o aumento enorme da poluição da Baía de Guanabara, a dificuldade de sobreviver desses pescadores. Porém, sabemos que essa fidelidade da memória, pode ser interrogada pela história. Essa tensão entre memória e História é uma questão central que entrecruza toda a nossa pesquisa, embora saibamos que nesse caso específico da resposta de “Seu” Antonio não há dúvida que memória e história se encontram, pois sabemos que “antigamente” havia mais peixe na Baía, menos poluição etc.

Nessa tensão memória e história, às vezes convergente, outras vezes, divergente, é a crítica histórica que nos permite pensar num viés mais equânime. Foi assim, em vários momentos de nossas entrevistas quando tentávamos lembrar aos nossos entrevistados se foi na época da construção da Linha Vermelha, ou por exemplo, antes disso, como numa das frases muito repetida por nós: “*Mas, o senhor pescava tanta tainha até alguns anos atrás, antes da construção da Linha Vermelha ou muito antes disso?*”, ou “*Será mesmo que foi antes até dos aterros na Maré, antes do Projeto Rio ?*”, ou “*Foi na época das remoções ?*”, perguntávamos.

Quando construímos ou reinterpretemos a história e a memória de um povo ou comunidades populares afirmamos a importância da ideia de justiça, onde todos falem, onde a comunidade ou comunidades se sintam mais representadas (Ricoeur, 2007), onde através da história se elabore narrativas possíveis de gente simples. Por isso, em minha pesquisa foi tão importante entrevistar alguns

pescadores, pelo menos aqueles mais emblemáticos, ou antigos, ou representativos, para que possa construir a rede dessa memória e história, pois sabemos o quanto é importante para as comunidades populares buscar seu senso de justiça através de uma memória feliz (id).

Lá foi um ano só (Tubiacanga), foi quando começou a invadir, nós viemos para cá. Isso aqui foi invasão. (...) Já, não tinha nada, era só barro (se referindo que não havia mais as palafitas ali...). A gente fomos os primeiros moradores. Botava a casa em pé hoje, a polícia derrubava, levantava de novo qualquer barraquinho... Ai teve uma vez que eles abandonou (se referindo ao fato da polícia ter parado de tentar expulsá-los da região da Maré ...).”

O trecho do depoimento anterior de Vovô nos mostra a luta inicialmente pela invasão da região da Maré e depois pela resistência quando a polícia chegava e derrubava as casas, a família dele especificamente veio de São Fidélis (norte do estado do Rio de Janeiro) para Tubiacanga, na Ilha do Governador, e um ano após se instalou na Maré. Para termos uma memória mais feliz, mais justa como nos alerta Ricoeur (2007), é fundamental escrever a memória da resistência e da luta das comunidades populares - no nosso caso dessas comunidades pesqueiras da Maré – em prol da sobrevivência e da melhoria da qualidade de vida das mesmas.



Foto 38 de Terezinha Lanzelotti - Vovô contando suas histórias na entrevista

Acredito que a construção da memória dos pescadores da Maré através do Museu da Maré, das entrevistas que fizemos, das pesquisas em andamento e de tantas outras estratégias de ação, podem auxiliar no fortalecimento das identidades desses grupos de pesca local.

“Seu” Antonio também nos fala com orgulho dessa memória de resistência e luta quando reafirma o tempo de pesca ou sua própria lembrança sobre a qualidade de vida e da água daquele lugar há décadas atrás.

Irmão do Picolé, Xanxão. O seu Alvinho era meu pai.... mas também de colônia eu estou com 46 anos matriculado na Colônia de Ramos, a Z11.”

A água era boa, podia tomar banho, quase uns 8 metros de fundura, aí na frente da ilha. Aí era uma ilha, Ilha dos Macacos, era fundo. A pessoa que não sabia nadar pra atravessar pra lá tinha que saber nadar, que a maré corria e era fundo. Tudo areal, não tinha lama, não tinha nada, agora....

Procurei trançar as narrativas desses sujeitos com a história das comunidades pesqueiras da Maré, que são tratadas muitas vezes pela sociedade e pelo poder público “quase como invisíveis”, nem sempre com acesso pleno se quer aos bens básicos.

Sensibilizou-nos enormemente a emoção de “Seu” Antonio quando ao conhecer e visitar o Museu da Maré identifica o seu “barraquinho” numa das fotografias das palafitas nos alagados da Maré. Seu filho Alexandre também se identificou imediatamente com aquilo, mesmo sem ter vivido dentro das mesmas condições. Esta situação nos revela o quanto o não vivido, pode ser incorporado ao inconsciente coletivo, como a imagem das palafitas presente no inconsciente coletivo de todos, mas vivido por apenas alguns deles, como no caso de “Seu” Antonio (Le Goff, 1990).

“Seu” Antonio, “Seu” Jaqueta e tantos outros foram testemunhas oculares dessa história cheia de lutas e resistência. Segundo Ricoeur (2007) é importante a testemunha dar além da credibilidade e confiabilidade, a disponibilidade em reiterar seu testemunho. A testemunha confiável é aquela cujo testemunho perpassa o tempo permitindo a identificação em humanidade dos membros daquela comunidade, logo a memória é afetiva, já a história é crítica, argumentativa. Os depoimentos deles são importantes por si só e porque se referendam através do tempo pela repetição e confirmação dos mesmos pela crítica história!

Como já afirmamos acima, a memória coletiva é sempre formada de diversos elementos referenciais para a comunidade na qual o indivíduo vive, que são transmitidos pela tradição e podem ter sido ou não vividos pelos sujeitos (Le Goff, 1990). Mas, contados pela tradição e/ ou educação dão um sentimento de pertencimento a um determinado grupo (id). Sendo assim, é importante

defendermos as tradições e costumes de um povo ou comunidade porque é isso que gera tal sentimento de pertença, como nos contou “Seu” Antonio no depoimento anterior, ou o Edson quando nos afirma *Tudo o que eu sei aprendi com meu vô!*, ou ainda pela angústia de “Seu” Jaqueta quando afirma que *Nenhum dos meus filhos quer ser pescador, o que eu sei, por incrível que pareça, eu tenho ensinado para a minha neta.*

Vieira (2008) relaciona memória e espaço como elemento importante para um possível empoderamento identitário.

“Por isso, podemos falar da emergência da memória relacionada ao espaço, como meio de preservação de referência, de sentido de potenciamento, de valorização das culturas e substrato de construção do futuro a partir do local, como resposta ao processo de totalitarização do espaço.” (id, p. 11)

O depoimento a seguir de “Seu” Cordeiro também nos revela como a memória pode ser incorporada pela tradição e/ ou ensino ou pelo inconsciente coletivo.

Não tenho história de pescador, a única história de pescador que eu sei é que tartaruga a gente não mata, o pescador que é pescador não mata a tartaruga, ...

- O senhor não sabe por que ? (entrevistador)

- Tem, tem essa simbologia do avô do pescador...não sei dizer, talvez o pescador mais antigo, como o Pelicano, talvez possa esclarecer mais esse detalhe. Eu já soltei várias tartarugas, tartarugas imensas aqui dentro da baía.

A fala de “Seu” Jaqueta nos demonstra a “eficiência” da educação informal (Gohon, 2010), tendo em vista declarar que aprendeu a nadar com seu pai.

Aprendi a nadar com meu pai. Eu sei nadar e todo mundo acha que pescador sabe nadar, mas você sabe que uma vez fomos fazer um curso na Marinha e teve pescador que não passou no curso porque não sabia nadar? Nem boiar sabia! Então, ... todo mundo pensa, mas 80% dos pescadores sabem nadar, o resto não sabe.

Não devemos perder de vista que os pescadores de cada Núcleo de Pesca fazem parte de uma comunidade maior que é a Maré e o Rio de Janeiro, em última instância do Brasil. E diversas outras comunidades de pesca vivem os mesmos problemas que vivem na Maré, como: águas poluídas, descaso do poder público, falta de infraestrutura nos *piers* etc.



Foto 39 de Stela Caputo - Píer do Núcleo de Pesca da Vila do Pinheiro



Foto 40 de Terezinha Lanzelotti - Píer do Núcleo de Pesca da Vila residencial da UFRJ

6.3

A rede da memória constrói a identidade dos pescadores

Alguns pescadores não viram, nem viveram no tempo da Baía de Guanabara limpa com botos, mas incorporaram isso ao seu imaginário já que faz parte da memória de seus pais, ou avós, ou mestres da pesca. Então, se remetem ao fato de que o bom era que a Baía “voltasse a ficar limpa como antigamente”. Entenda-se por antigamente, como já afirmei anteriormente, 10, 20, 30 ou 40 anos atrás. como narra “Vovô”, “Seu” Isaiás, que conta histórias passadas para seus colegas pescadores. Ou ainda, “Seu” Foca que afirma que – *Tinha, tinha casa lá que o Carlinhos falou que era casa dos escravo*, referindo-se à Casa de Pedra do Catalão e o Carlinhos é o pescador “Seu” Carlos morador da Vila Residencial da UFRJ, como ele próprio.

Essa memória coletiva - como a que foi mostrada pelos pescadores- para Halbwachs (1990) é formada de diversos elementos referenciais para a comunidade na qual o indivíduo vive. Tais elementos de referência - situações, monumentos, paisagens, músicas, comida etc - são transmitidos pela tradição e podem ter sido ou não vividos pelos sujeitos, como já afirmamos em diversas passagens anteriores.

Quando o Museu da Maré reconstrói uma palafita dentro de seu próprio espaço ou expõe fotos da região da Maré em diferentes épocas históricas - de sujeitos pescando, costurando redes, dentre outras - tem a intenção de fortalecer os laços identitários daquelas comunidades, assim como construir ou elaborar uma possível representação de sua história e/ou memória. “Seu Jaqueta” demonstra orgulho em seu sorriso ao apontar uma fotografia dos alagados da Maré dentro do Museu e nos fala empolgado: *Olha aqui. Olha aqui a canoa que o meu pai pescava!*, ou quando aponta outra fotografia mostrando os aterros da Maré e diz: *Isso aqui já era área de aterro. Isso aqui já é esse prédio aqui e eu moro aí atrás*. Nesse momento percebemos mais uma vez como o Museu se faz vivo e interage com os moradores locais, com esses pescadores, pois também fala deles, de suas vidas e suas emoções, vivências, por isso lá existe uma memória que emociona ...

Todas essas memórias que emocionam são a base de uma determinada identidade, que é composta pelas referências culturais que permitem um sentimento de pertencimento a um grupo. Sendo assim, construir a memória é

fortalecer os laços de identidade desse grupo. Muitas dessas referências são transmitidas nas redes educativas do cotidiano. Estas são espaços educativos informais, onde saberes e fazeres são valiosamente transmitidos quer seja na família, na vizinhança, e/ ou no trabalho, como no caso dos saberes e fazeres dos pescadores da Maré..

A história de “Seu” Jaqueta, assim como de outros pescadores, se mistura à história da Maré, da conquista do espaço daquela região e da luta e resistência da permanência dos mesmos ali. Lembranças de alegrias e tristezas, sonhos e desilusões, ganhos e perdas, tempo e espaço imbricados.

“A relação da memória e espaço é fundamental neste trabalho para a compreensão das marcas do tempo sobre o espaço, que penso como a pele que deixa registrada, nas cicatrizes, as marcas da vida. As diversas vivências e relações existentes no espaço ao longo dos anos estão inscritas na memória transmitida e vivida, na memória comum compartilhada pelos grupos sociais e nos lugares identificados como referências de memória. Não se trata de uma memória de dor e sofrimento, de conflitos e embates, como numa primeira impressão pode parecer. Tratamos de memórias de vida, com todas as suas implicações, também memórias de alegrias e sonhos, de ritos e festas, memórias de um percurso de construção da felicidade.” (Vieira, id, p. 12)

Também em nossas entrevistas com os pescadores podemos perceber a riqueza cultural que emerge direta ou indiretamente das falas dos mesmos. Seus relatos são cheios de vida, de paixão e/ ou melancolia pela pesca, pelo ofício de pescador, pela família que construíram, pelo casamento, pela casa, pelas festas religiosas das quais participam, dentre outros.

Outra temática que acabou surgindo em diversas de nossas entrevistas foi a alusão à festa de São Pedro, padroeiro dos pescadores. O depoimento a seguir de “Seu” Foca sobre a festa de São Pedro revela essa memória de pertencimento e participação, de mistura de espaço e tempo:

Antigamente no Caju, a gente se reunia no Caju pra fazer a procissão dentro d’água... Umas cinco vezes, agora parou porque a maior parte dos pescadores... também no Caju diminuiu, também... (referindo-se à sua participação na procissão de São Pedro).

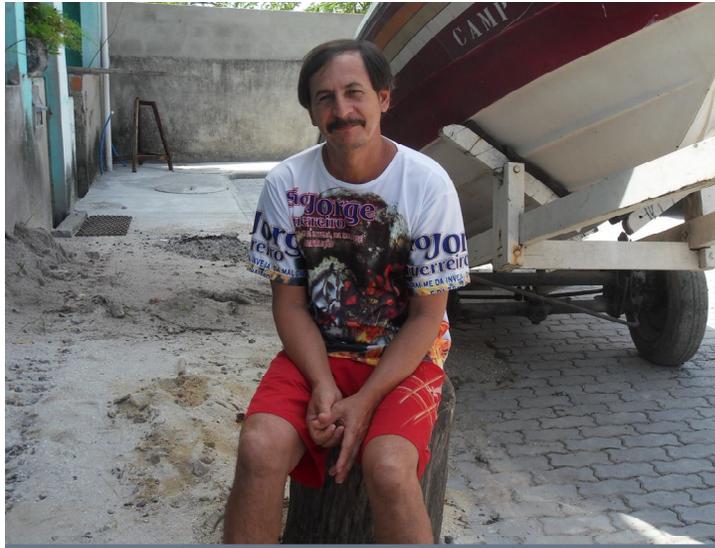


Foto 41 de Terezinha Lanzelotti – “Seu” Foca

Mais uma vez lembranças, memórias, pertencimentos e identidades se misturam nessas redes educativas cotidianas. Um traço singular da identidade dos pescadores da Maré hoje em dia é o fato da maioria deles não viver mais somente da pesca. Marcos aluga barcos e é pescador no Núcleo de Pesca do Parque União, mas já foi fotógrafo, garçom etc; “Seu” Cordeiro virou pescador, mas já era funcionário da UFRJ desde muito tempo antes e permanece nesse cargo até o momento; o próprio “Seu” Jaqueta - que mesmo vindo de família de pescadores históricos - é funcionário da empresa Queiroz Galvão, que está atualmente fazendo a obra de despoluição do Canal do Fundão. Também, a maioria dos outros, embora tenha outras atividades, fazem questão de se identificar e se diferenciar como pescadores.

Porque 30, 40 quilos de peixe não é muito peixe, é pouco peixe e isso ii você vende rápido. Pra quantidade de pessoas aqui dentro é pouco e ainda tem outros colegas. Tem o Pelicano, que esse é que vive exclusivamente atualmente da pesca mesmo, é um pescador...

O depoimento acima de “Seu” Cordeiro fala que na Vila Residencial da UFRJ só vivem da pesca pouquíssimos pescadores, como o “Seu” Pelicano, que lamentavelmente não conseguimos entrevistar.

A separação entre dois grupos não se dá por diferença cultural, segundo Cucho (1999), e sim, pela vontade de se diferenciar. Por isso, essas fronteiras são mutáveis e seus deslocamentos podem ser provocados por mudança de situação

social, econômica ou política. Sendo assim, não existe identidade cultural em si mesma definível, por exemplo, os pescadores querem se identificar como pescadores, embora exerçam outras funções concomitantemente.

No recorte identitário voltamos ao depoimento de “Seu” Antonio demonstrando a ideia de pertencimento ao lugar:

Eles fizeram dragagem ali na época do Projeto Rio quando fizeram o aterro do Pinheiro. Engraçado quando a draga puxava. Eu brinquei ali, a gente ia brincar que era novidade. Quando aquela água vinha do fundo, ela vinha cheia de areia, areia branquinha...”

A fala de “Seu” Antonio é cheia de intimidade e mistura sua história à história daquele espaço social transformado pelo tempo, assim como o seu próprio corpo e a sua vida ...

Depois a gente foi lá pra onde é a área militar, onde mora o Waguinho. A companhia onde passou a Linha Amarela deu uma “merreczinha”. Fizeram um barraco pra gente lá. Foi quando meu pai se preparou e fez a casa dele. A gente morava aqui em frente à passarela, perto da passarela que a gente morava, aquilo tudo era praia, tudo era mar. O estaleiro McLaren, que fazia rebocador, fazia até navio, os mini navios eles faziam ali naquela época, pra ver como era fundo em frente à ilha. Quem viu aquela ilha, quem vê agora...

Outro eixo temático surgido nos depoimentos dos pescadores foi o sincretismo religioso. O Núcleo de Pesca da Vila do Pinheiro é o mais pobre de todos os que visitamos, não por acaso, o que apresenta o maior número de pescadores que vivem só da pesca. Como já escrevemos, lá encontramos imagens de São Pedro, de Nossa Sra., de Aparecida e de Iemanjá, não encontradas conjuntamente nos outros núcleos de pesca, destacando um traço cultural diferenciado das demais. Esse sincretismo é percebido em diversas falas dos pescadores como quando Alexandre nos conta a história de que o pescador que roubou as moedinhas do santo, no Núcleo de Pesca da do Pinheiro, Está *com vida ruim*. Também sobre isso podemos estabelecer uma ponte com o Museu da Maré, pois no *Tempo da fé* há diversas fotos expostas sobre a famosa procissão dos pescadores na Baía de Guanabara com seus barcos enfeitados no dia de São Pedro, padroeiro dos pescadores. Vários pescadores nos falam da tristeza de não haver mais essa procissão na Maré.



Fotos 42 e 43 de Stela Caputo - Imagem de São Pedro, Nossa Sra. de Aparecida e Iemanjá no Núcleo de Pesca da Vila do Pinheiro

Uma recorrência unânime nos depoimentos dos pescadores foi a necessidade de se despoluir a Baía de Guanabara, para que a pesca no local possa melhorar devido ao fato de todos sofrerem de alguma forma com aquilo. O trecho do depoimento abaixo de “Seu” Amaral nos remete a essa problemática:

Se sente, é triste, porque isso aí vai piorando cada vez mais a Baía de Guanabara, porque o certo da Ilha tinha que ter uma rede de tratamento na Ilha toda, joga muito esgoto na Baía de Guanabara a Ilha, tinha que ter um tratamento nela toda. Vê aí, tem uma vala negra, aí perto da pescaria Galeão é um cheiro insuportável. Tinha que ter uma limpeza ali pelo menos...



Foto 44 de Helena Araújo - Poluição do Canal do Fundão visto da Vila Residencial da UFRJ



Foto 45 de Helena Araújo - Linha Vermelha ao fundo, embaixo da autoestrada o Núcleo de Pesca da Vila do Pinheiro. Poluição do Canal do Fundão visto da Ilha do Fundão.



Foto 46 de Helena Araújo - Poluição no Canal do Fundão

Autores como Hall, Cuche, Castells, Candau e Silva afirmaram a dimensão construtivista da identidade, ou seja, a identidade como sendo resultado de uma construção social e da complexidade do social.

Outra característica da identidade é que ela é multidimensional e sincrética, apresenta um caráter dinâmico, o que causa dificuldade de delimitá-la. Ainda no eixo identidade poderíamos imaginar exatamente como é difícil dizer até que

ponto o Alexandre da Vila Residencial do Pinheiro é pescador, ou técnico de computadores, mas, ele se identifica como pescador; ou Marcos, que já foi fotógrafo, garçom, camareiro e atualmente se identifica como pescador, mas vive do aluguel de barco e pesca muito pouco.



Foto 47 de Terezinha Lanzelotti - Pescador Marcos do Parque União

Os pescadores da Maré vivem aquela(s) cultura(s) locais de cada Núcleo de Pesca, ou da Maré como um todo, estando, portanto, mergulhados numa cultura que acaba identificando-os como pescadores da Maré e não, da Praia de Copacabana, por exemplo. A noção de identidade está relacionada à noção de cultura, segundo Cuche (1999). A cultura “pode existir sem a consciência de identidade” (id, p. 176), porém uma identidade cultural, evidentemente, não pode existir sem um sistema cultural. Mas, acima de tudo identifica-os como pescadores, apesar de continuarem, na grande maioria, exercendo outras profissões, como nos declara no trecho abaixo o pescador Vovô:

*Aí, depois que eu troquei o NIT no INPS pra pescador... Já tenho uns 20 anos pra pescador...
Não vou dizer confortável, mas dá. (se referindo a poder viver da pesca).
Aí, eu faço serviço de pedreiro também.*

“Fui trocador de ônibus, trabalhei com dedetização, já fui ajudante de pedreiro”, declara, também, “Seu” Cordeiro, que mesmo antes de ser funcionário da UFRJ já tinha exercido diversas atividades. Com “Seu” Jaqueta verificamos a mesma situação de trabalhadores “multifuncionais”, como já abordamos

anteriormente, porém a identificação como pescador sobressai na paixão expressa pela mesma em seus discursos. Devido à dimensão mutável da identidade, o indivíduo lança mão de estratégias de identificação, que dependem da situação social, relação de força entre grupos etc (Cuche, id). O conceito de estratégia pode explicar as variações de identidade, também chamadas de deslocamento de identidade. Sendo assim, para Cuche (id), o que cria a separação entre dois grupos não é a diferença cultural e sim, a vontade de se diferenciar. “Seu” Sérgio Jaqueta embora seja funcionário da Queiroz Galvão, faz questão de se apresentar como pescador, assim como “Seu” Cordeiro tem vontade, desejo, gosta de ser pescador, embora seja funcionário da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro).

Os pescadores tem seus códigos sociais e administrativos influenciados e até mesmo gerados por diversos fatores, alguns impostos pelas Colônias de Pesca Z 10 ou Z 11, que impõe seus códigos e diferenciações para eles. Vovô fala sobre essas relações do entreposto do Parque União com a Colônia de Pesca Z 10, que é a colônia à qual estão ligados e legalizados:

Há muitos anos, só que ela não é registrada (se referindo ao entreposto do Parque União), que não pode mais registrar Colônia aqui, que já tem a Z 10 e a Z 11. Aí, não pode, aí tem que ter entreposto, aí pode escolher qualquer Colônia...”

Silva (2000) nos mostra como identidade e diferença são parte de um todo. Além de construções sociais, elas são partes de um processo, não há como conceituar identidade sem se falar de diferença. Portanto, a identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. Porém, também deixa registrado que identidade e diferença são processos de produção social, por isso envolvem relações de poder, estando ligadas a sistemas de representação.

“A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes.” (id, p.81)

Por outro lado, as identidades são fontes de significados para os próprios atores. Partindo daí, Castells (1999) propõe três categorizações de identidade construídas a partir de relações de poder, que sinteticamente apresentamos como: identidade legitimadora (como os códigos impostos pelas Colônias de Pesca Z 10

ou Z 11); identidade de resistência (dos grupos socialmente organizados da Maré, como do Museu da Maré e do CEASM e de alguns Núcleos de Pesca); e identidades de projeto (como também poderíamos imaginar nesse duplo de identidade, o próprio grupo do Museu da Maré e do CEASM e alguns grupos de pescadores). Entendemos que algumas associações de pescadores da Maré (principalmente, os do Parque União) se integram à identidade de projeto e conjugam-na com identidades de resistência, assumindo uma posição ou outra, como numa gangorra social, ideológica, política e econômica onde os sujeitos se impulsionam ora para um lado, ora para o outro na luta por sua sobrevivência física, cultural e econômica acima de tudo.

A citação abaixo de Castells afirma uma perspectiva construtivista da identidade.

Não é difícil concordar com o fato de que, do ponto de vista sociológico, toda e qualquer identidade é construída. A principal questão, na verdade, diz respeito a como, a partir de quê, por quem e para quê isso acontece. A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social. (Castells, 1999: 23).

Os indivíduos e grupos sociais vão dando significado aos materiais segundo suas origens sociais, conhecimentos históricos, geográficos, biológicos e enraizamentos culturais (Castells, id).

O trecho abaixo da entrevista de Vovô revela fragmentos de seu imaginário, de sua ideologia, de seus sonhos, de seus aprendizados/ ensinamentos, enfim de sua “sabedoria” quando afirma que:

É da lua, como se diz, a natureza é uma coisa bonita, como acabou de falar disso agora. É a natureza, o mar é vivo, não pode abusar dele. Eu não mergulho, muito difícil, só quando for pra tirar algum lixo, aí, tu tem que mergulhar... ou então, encho o caneco e tomo banho, dentro do barco tem saída d'água, quando molhar, a água sai...

A clareza do depoimento abaixo de Jean nos demonstra como a vivência de diferentes papéis sociais possa significar, muitas vezes, a vivência de múltiplas identidades culturais, suas alegrias e angústias, sua vida:

Não, nasci aqui mesmo. Meu nome é Jean Castro Pereira. Sou do dia 03-08-1982. Eu nasci aqui no Rio mesmo. Meus pais não são daqui, são do Norte e desde criança já venho pescando aqui no Catalão de rede, de tarrafá, pescando siri e fui gostando. Passei a mergulhar, não aqui, na Urca. Fui gostando mais, fui gostando mais, comprei uma lancha, da lancha depois eu fiz um barco, agora peguei essa traineira e daí vai. A pessoa vai gostando, sendo que eu não vivo especificamente da pesca, eu tenho uma firma, eu trabalho com obra também, entendeu? E nos fins de semana eu trabalho levando o pessoal pra pescar e a pesca em si não está dando mais pra pessoa viver da pesca. Acredito eu que, talvez, meu filho nem me siga mais o que eu segui e o que sempre gostei de fazer. Meu filho praticamente não vem aqui...

Um dos pontos que mais me impressionou nas entrevistas feitas aos pescadores foi a quase unanimidade deles nunca terem ido ao Museu da Maré. Logo, o Museu que tem parte de seu acervo dedicado às marés, à água, às palafitas, às procissões de São Pedro de outrora, à pesca – grande parte da história da Maré e onde quase tudo começou!!! Se por um lado existe o “Seu” Jaqueta - exemplo de um pescador que doou objetos ao acervo do próprio Museu da Maré e fala disso com muito carinho-, por outro, a grande maioria dos pescadores já ouviu falar do Museu, mas não o conheciam antes das entrevistas lá ocorridas, ou permaneceram sem conhecer porque as entrevistas foram feitas nos *piérs*.

Paradoxalmente, entendo que mediante esse “achado de campo”, o Museu da Maré se valida ainda mais e reafirma sua posição na região enquanto museu comunitário, pois transita entre essas memórias de hoje e de ontem, entre esse desconhecimento da população sobre sua existência, mas também, com a possibilidade de ressignificando essa história e construindo essas memórias torná-las conhecidas e “inesquecíveis” para diversas gerações!

Quando iniciamos nossa pesquisa optamos pela metodologia da história oral para entrevistar os pescadores, para saber de suas vidas e interpretar essa trama social que os envolve, que nos envolve, dando sentido e significado coletivo e histórico ao que ouvíamos em seus depoimentos tão ricos de emoção, transbordantes de vida, de ensinamentos e aprendizados.

“O fascínio da História Oral está em encontrar na pessoa comum, no indivíduo anônimo, um narrador que tem uma história pra contar, a história de sua própria vida. Nessa história perceber os acontecimentos, linhas condutoras, conexões que nos levam a reconhecer a nossa própria história. Sentir-se participante de uma mesma comunidade de histórias, percorrendo trajetos comuns, tecendo uma rede na qual nos reconhecemos e encontramos a nossa própria vida. Não se trata de “dar voz ao outro”, postura arrogante da qual devemos nos afastar. Trata-se de ouvir para aprender, ouvir para se

reconhecer e perceber o quanto a vida é imensa, carregada de significados e emoções, o quanto somos importantes pelo que somos, importantes porque verdadeiramente construímos a história.” (Vieira, 2008, p.27)

Construir a memória desses pescadores, suas redes educativas cotidianas - ou de outros grupos populares “esquecidos” da história oficial - é também um dever, um bem comum, uma necessidade jurídica, moral e política (Sarlo, 2007). Precisamos entender o contexto histórico de se escrever a memória dos pescadores no momento em que são identificados como o grupo social mais vulnerável e frágil da região da Maré pelo Programa de Educação Ambiental da SEA (Secretaria Estadual de Ambiente do Rio de Janeiro). Sendo assim, evoca-se um sentimento de justiça social (id), de necessidade de construção de um projeto coletivo mais democrático e menos desigual, onde o perdão possibilite tal reconstrução, mas não o esquecimento das falhas e sim, seus reparos (Ricoeur, 2007).

É numa proposta intercultural, onde haja não só respeito, mas diálogo entre as diferentes culturas que acreditamos na construção de um projeto coletivo social, político e econômico. Na prática do diálogo entre diferentes grupos culturais, como com os pescadores da Maré, podemos vivenciar o dinamismo renovador das diferentes culturas, assim como seu processo de hibridização cultural e a correlação entre diferença e desigualdade (Candau, 2006).

Foi entrevistando todos esses pescadores que aprendemos e trocamos não só informações, mas vivências, lembranças, saberes ... Enfim, aprendemos, dialogamos, nos emocionamos, muitas vezes, através da riqueza de seus depoimentos, testemunhos, das alegrias e tristezas reveladas, das angústias e esperanças depositadas, entrecruzando não só nossas identidades e memórias, como nossas próprias vidas.

No próximo capítulo daremos continuidade à nossa trilogia de dados do campo, apresentando e analisando as entrevistas com os diretores e funcionários do Museu da Maré.